NOVOS MODELOS DE JORNALISMO:

pOR UMA ÉTICA DO MERCADO DISCURSIVO[[1]](#footnote-2)

Fernanda Al Alam Ribeiro[[2]](#footnote-3)

RESUMO

Este artigo contempla parte da pesquisa desenvolvida ao longo do mestrado, no qual buscamos mapear: como se manifestavam aspectos e dimensões éticas em relatos de jornalistas da mídia emergente gaúcha. Para a construção deste artigo apresento a experiência denominada *Sul21*; primeiramente apresentamos, de forma breve, como foi se constituindo os parâmetros da ética na profissão e de que forma esses foram se transformando; logo então apresentamos a iniciativa e como se explicita a questão da ética jornalística na experiência. Os resultados indicam outras concepções de ética voltadas para determinado mercado discursivo e centradas nas novas formas de ser da sociedade.

**Palavras-chave:** jornalismo; ética jornalística; midiatização; mediação; Sul21.

As jornadas de 2013 e a popularização das técnicas de produção comunicacional – no sentido da massificação de dispositivos móveis, capazes de captar e divulgar os acontecimentos de forma “simplificada” – mostraram a potência de novos espaços múltiplos para a produção da notícia. E, de lá para cá, esse cenário vem servindo como pano de fundo para a criação de vários coletivos de jornalismo independente e de meios de comunicação articulados às práticas de uso das redes sociais, no contexto da sociedade conectada.

As manifestações de junho de 2013 tiveram fortes marcas como a efervescência e expansão das redes, erosão da mediação, deslocamento da mediação jornalística para as redes e para os jornalismos de atores. Essas marcas são possíveis de se perceber nos rastros ainda presentes na internet no qual imagens de cartazes apontam para um apelo dos manifestantes por mudanças nas estruturas comunicacionais, políticas, jurídicas, etc.

Essas agendas impostas pelos cartazes eram múltiplas e apontavam para uma nova plataforma de interação, situando a especificidade de novas interlocuções e, consequentemente novos agenciamentos de interação: “Somos a rede social”; “Saímos do Facebook”; “Policial, sorria você está sendo filmado”, “O Povo não é bobo, abaixo a rede globo”. Como podemos perceber a agenda dos manifestantes apontava para anseios mais amplos do que mudanças nas medidas políticas, trazia o anseio por renovações nos sistemas comunicacionais e mais ainda nos formatos até então estabelecidos de produção da notícia.

Porém entender fenômenos mais distantes nos parece uma providencia essencial para estudar transformações que vão se manifestar mais recentemente na atividade jornalística. Pois é na sociedade dos meios que o jornalismo irá se constituir como um mediador da sociedade e assim, construir seus princípios da prática, assim, como éticos deontológicos; portanto para que possamos hoje estudar os processos éticos do jornalismo na sociedade midiatizada é imprescindível esse retorno de contextualização e compreensão do foi o jornalismo, para ai sim pensarmos o que ele está se tornando.

Em primeiro lugar devemos lembrar que os séculos XIX e XX se caracterizaram por um aceleramento de lógicas típicas da modernidade, que transformaram estilos de vida, costumes e organizações sociais. Muitos dos debates em torno destes fenômenos passaram a concentrar-se nas transformações institucionais, apontando para um deslocamento do sistema de manufatura de bens materiais para um sistema informacional (GIDDENS, 1991, p. 12).

A confiança é em parte construída na narrativa iluminista – avanço da ciência e da razão – no qual se passou a questionar a influência de Deus inaugurando uma visão “cientifica” da vida e das relações. Com isso, os assim chamados de sistemas peritos – noção que pode ser atribuída aos mass medias - passam a desenvolver um papel central na sociedade, a partir de uma lógica de confiança.

Esse sistema descrito por GIDDENS (1991), típico da modernidade (sociedade dos meios) é caracterizado principalmente pela mediação, contextos de instituições e sistemas peritos que acabam por ocasionar transformações sociais no qual as narrativas perdem seu caráter artesanal do imaginário dos sábios (contadores de histórias) e encontram nos sistemas peritos (campos do saber) os vetores de conhecimento. As disciplinas passaram a desempenhar o papel de explicar, por meio dos seus especialistas, a maneira de ser do mundo; o jornalismo, inserido no campo dos meios, passa a operar como mediador na tarefa de costurar todas essas práticas, como uma espécie de dispositivo leitor da sociedade.

Segundo BOURDIEU (2004), para compreendermos uma produção, especifica de determinada área do saber, não bastaria traçarmos apenas a relação entre seu conteúdo textual e seu contexto; o autor aponta que entre esses dois polos há um universo intermediário chamado campo, ou seja, o universo no qual estão inseridos os agentes, as instituições e as condições pelas quais se produz e se difunde determinado saber.

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exerce no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência suas estratégias. (BOURDIEU, 2004, p.21).

Para pensar a partir dessa lógica, é imprescindível que se compreenda o jogo de forças que se estabelece entre dimensões macro e micro de um determinado campo social, para que assim, possamos compreender o seu poder de mediação. Ao abordarmos a sociedade (séc. XIX) por essa perspectiva é importante que deixemos claro, que se trata de um contexto de instituições com certa autonomia de funcionamento e também relevante poder de mediação junto à sociedade.

As práticas comunicacionais se caracterizam na sociedade dos meios principalmente pelo papel mediador dos mass media em relação ao tecido social e aos demais campos do saber – daí a sua denominação. Em uma perspectiva próxima, VERÓN (2003) entende que os meios são responsáveis pela gestão social, ou seja, desenvolvem o papel de dispositivos didáticos de explicação e administração da vida social.

Esse aspecto que destaca os meios como portadores de um papel de dispositivo didático mediacional da vida social foi se transformando – entre o final do século XX e início do século XXI - com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação. O campo dos media passa sofrer uma transformação no seu caráter mediador e no status junto aos processos de organização e de estruturação de dinâmicas sócio-simbólicas, ou seja, perde a sua ação representacional/mediadora.

Com a chegada do século XXI e a ascensão das tecnologias de comunicação e informação esse cenário passa a apresentar transformações, e o poder de mediação e integração exercido pelo campo dos media passa a perder seu lugar representacional, segundo perspectivas de estudos realizados nos contextos latino-americanos e europeus, da perspectiva da midiatização emergente. Segundo FAUSTO NETO:

a midiatização resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais (...) as mídias deixaram de ser apenas instrumentos a serviço da organização do processo de interação dos demais campos, e se converteram numa realidade mais complexa em torno da qual se constituiria uma nova ambiência, novas formas de vida, e interações sociais atravessadas por novas modalidades do «trabalho de sentido». (2008, p. 90 e 92)

Ou seja, passam a emergir efeitos de ruptura na visão representacional destinado aos meios; emergem novos tipos de protagonismo atravessados por complexidades que não se situam apenas nas tecnologias, mas nas dinâmicas de operações de sentido desenvolvidas por uma diversidade de práticas sociais.

O desenvolvimento e popularização das tecnologias de comunicação e informação proporcionam uma variedade de experimentos na divulgação e produção da notícia, e essa prática passa a se alargar para outros espaços e agentes independentes do campo dos media. Com isso é perceptível um declínio no papel representacional das instituições mediadoras, perante o aparecimento de um novo consumidor/produtor que se apropria das técnicas de produção para criar suas próprias narrativas de espaços sociais.

O caráter de espelho destinado ao campo dos media, no qual os outros campos se viam refletidos na sociedade dos meios, também passa a perder sua centralidade; afinal as novas tecnologias, situadas no contexto da sociedade em midiatização, proporcionam transformações técnicas de produção e divulgação de conteúdo nos quais os distintos campos de saber passam a desenvolver habilidades interacionais, segundo contato direto com a sociedade. Por exemplo, o campo político passa a desenvolver técnicas de contato direto com a sociedade através de redes sociais, visando muitas vezes diminuir as possíveis interferências do campo dos medias em suas ações.

Sendo a midiatização um rizoma no qual se constitui por nós, enfraquecida de centros e com múltiplas possibilidades, os “jogos de força” passam a descentralizar-se caracterizando assim a necessidade de um olhar para o macro continuamente junto ao micro. Os modos de ser na sociedade midiatizada apresentam uma forma perpassada pela presença e possibilidades da tecnologia, descentralizando assim os atores/instituições de referência e abrindo brechas para que novos atores e novas formas de contato se instalem nos nós desse rizoma.

Segundo GOMES (2016, p.18) na sociedade midiatizada “a identidade é construída a partir da interação com os meios”, ou seja, o ser humano não é apenas em agente no uso da tecnologia como uma extensão e, sim, um indivíduo que se autocompreende como um ser que desenvolve suas relações por meio de dispositivos tecnológicos. Podemos perceber essa construção na comparação de um nativo digital[[3]](#footnote-4) a um imigrante digital, eles se relacionam com os dispositivos tecnológicos de forma diferente: o nativo compreende o mundo a partir de uma lente no qual a tecnologia faz parte desde o seu princípio, enquanto o imigrante busca adaptar-se as demandas das novas práticas sociais.

Essa sociedade em midiatização é caracterizada por um ambiente no qual não apenas a comunicação é potencializada, como também um novo modo de ser e se relacionar com o mundo. O próprio tempo e espaço, a partir dessa ambiência, se transformam apresentando alteração na percepção de cada sociedade, ou seja, a percepção que um indivíduo, situado na sociedade dos meios, tinha sobre a possibilidade de comunicação com alguém de outro estado/pais/continente passava pela tecnologia da época (carta, telégrafo, etc); já na sociedade midiatizada esse tempo é outro, pois as lógicas da atualidade estão permeadas por novas tecnologias instantâneas como: whatsapp, email, facebook, etc...

Portanto torna-se indispensável a perspectiva de GOMES (2019, p. 141), de que a trajetória da sociedade dos meios à sociedade em midiatização se dá em dois eixos profundamente interligados; de um lado o eixo do tempo, em uma perspectiva cronológica da humanidade, e de outro em uma dimensão qualitativa, de complexidade crescente envolvendo tecnologias, novas formas das relações sociais e suas interconexões. Pois mais do que novas possibilidades tecnológicas a midiatização apresenta novos princípios para explicar a questão da identidade social, ou seja, novas formas de ser no mundo.

Afinal essa dimensão qualitativa além de apresentar novas percepções de tempo e espaço também desloca o entendimento sobre outros conceitos, como presença e participação. A sociedade midiatizada passa a vivenciar novas formas de participação, “a participação presencial tornou-se apenas uma forma de estar presente e não a única” (FAXINA, 2016).

É preciso entender que as tecnologias não são aparatos distantes, estanques, que funcionam de forma isolada da pessoa, elas são exatamente a concretização de uma ampliação desejada do ser humano, seja superando limites físicos, seja criando um novo tempo e um novo espaço. (...) Isso significa viver num ambiente social completamente novo, em que as prioridades são alteradas porque os modos de estar-juntos mudaram. (FAXINA, 2016)[[4]](#footnote-5)

Esse novo modo de ser, apresenta uma processualidade complexificada e normas de conduta ou ainda práticas da modernidade passam a ser questionadas ou até abandonadas, para que outros padrões sociais se estabeleçam. Novas regras se estabelecem, reinventando assim as práticas sociais e comunicacionais.

Segundo FAUSTO NETO (2008) na sociedade de midiatização a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação e não mais de autonomia entre os campos. Transforma-se assim, a dinâmica dos mediadores e da própria sociedade, novos circuitos se formam e as disputas se alargam para além dos campos restritos.

A mídia então passa a ser um dispositivo que engendra e atua nos processos sociais e nas relações estabelecidas entre os agentes de vários campos; ocasionando crises nos setores da sociedade incumbidos da tarefa de realizar a mediação entre mídia, diversos campos e a sociedade. As fontes e os leitores passam a participar, sob nova condição, da produção do “retrato do real” complexificando critérios de noticiabilidade e de valores-noticia.

Essa complexificação dos processos midiáticos – ou ainda, a passagem de uma sociedade dos meios à sociedade midiatizada – não acontece de forma abrupta, e sim a partir de um processo de transformação social no qual uma se penetra na outra, fenômenos dessa passagem podem nos apontar características dos complexos circuitos que se formam em torno da notícia. Conforme o apontado por FAUSTO NETO (2009):

Casos mais recentes apontam o avanço desta complexidade: o afastamento do ombudsman da FSP, provocado por sua discordância em fazer recuar novo dispositivo interacional jornal-leitor, assegurado pela internet e o episódio do “blog da Petrobrás”, caracterizando novas formas de ação entre fonte-jornal. Este último gerou um amplo debate enfatizando as novas maneiras através das quais a fonte co-participa do processo de construção da noticiabilidade. Estes fatos aparentemente restritos às rotinas jornalísticas, suscitam discussões e pelas complexidades apresentadas, torna-se importante indagar sobre as causas destas mutações, que fazem aspectos estratégicos da prática jornalística escapar do seu clássico âmbito produtivo, impondo efeitos sobre a força do trabalho autoral do jornalista, especialmente sobre a natureza de sua mediação técnica-simbólica. (p. 18)

Sendo assim, a processualidade do conjunto de práticas sociais e ideologias se complexifica intensamente, por uma oferta de novos produtores de conteúdo que se atravessam nos campos sociais. As fontes e os leitores passam a investir em operações e regras de produção de conteúdo, gerando assim a necessidade do mercado de jornalismo se reinventar e repensar formas de sustentabilidade diante da tensão da ambiência vivida.

O jornalismo vê-se no centro de uma disputa de forças pela supremacia da informação, afinal o capital social do jornalismo passa a ser ameaçado pelos múltiplos circuitos em torno da notícia. Ou seja, a midiatização da sociedade descentraliza poderes até então estabilizados como o de mediador de discursos, criando possibilidades múltiplas vozes para a narrativa do social.

A disseminação de novos protocolos técnicos na organização social vem transformando as tecnologias em meios de produção, circulação e discurso; ou seja, a mídia que antes apresentava um caráter pedagógico se transforma, conforme nos explica FAUSTO NETO:

Ao se converter numa espécie de “sujeito” dos processos e das dinâmicas de interação social, a cultura midiática torna-se um complexo dispositivo em cujo o âmbito se organiza um tipo de atividade analítica, cujas gramáticas, regras e estratégias geram ainda, por operações auto-referenciais engendradas no dispositivo, as inteligibilidades sobre as quais a sociedade estruturaria suas novas possibilidades de interpretação. (2008, p.94)

Essa transformação, descrita pelo autor, faz emergir novas possibilidades no âmbito dos estudos e das próprias práticas do jornalismo, pois reformulam as condições de enunciar a realidade através de novos modelos de interação. Afinal trata-se de um deslocamento do poder mediador, que por natureza repercute em todo o processo da prática da profissão, através de uma nova ambiência interacional.

Nessa perspectiva FAUSTO NETO (2008, p. 98 e 99) descreve quatro aspectos do jornalismo na sociedade midiatizada são eles: transformações na topografia jornalística – explicitação do processo produtivo inclusivo com seus atores, mostrando que se trata de mais do que venda de jornais; auto-referencialidade do processo produtivo – novos tipos de contrato de leitura, visando destacar a existência do “jornalismo personagem” e suas performances; auto-reflexividade sobre seus fundamentos teóricos – reflexões continuas sobre o fazer jornalístico, publicizando processos de seleção da produção; transformação do status do leitor – interações que reúnem produtores e receptores.

As mutações, que se passam no processo de noticiabilidade, afetam a natureza identitária do jornalista, pois ele deixa de ser apenas o “narrador” para se tornar parte do processo da notícia; descortina-se assim um leque de subjetividades que até então estavam guardadas nos “muros” da objetividade da notícia. Segundo FAUSTO NETO (2011, p. 19), a atividade do jornalismo “se vê imersa em “feixes de relações” e deixa de ser apenas “instrumento” a serviço de interações de outros campos”, ou seja, se antes o jornalismo tinha uma autonomia assegurada pela confiança nos sistemas peritos (GIDDENS, 1991), hoje essa relação se desloca para outros tipos de contratos de leitura, no qual a sua performance passa a ser também um agente de interesse, colocando em jogo a “soberania” da atividade jornalística.

Os leitores deixam de serem atores subjetivos, presentes apenas no espaço de carta do leitor, e tornam-se atores ativo no processo de produção e até revisão da notícia, via redes sociais, gerando muitas vezes a necessidade de uma correção imediata, dependendo do engajamento do tema. Essa nova processualidade reorganiza a ambiência jornalística, em todo o seu processo, desde o oficio jornalístico até a arquitetura comunicacional.

Na chamada pós-modernidade (século XXI) o jornalismo vive, novamente, uma intensificação de transformações, e seu papel junto à sociedade passa por abalos e questionamentos; de ordem estrutural, ética e financeira. Hoje, assim como no século XVII, podemos nos perguntar o que é jornalismo e qual sua função junto à sociedade?

Com a popularização das novas tecnologias de informação e comunicação vemos discussões voltarem à arena de debates em torno do jornalismo, com a abundância de informação na sociedade, autores como HEINRICH, PRIMO, CRISTOFOLETTI, ROSENTAL, RAMONET, entre outros, passam a discutir as transformações éticas e estruturais da profissão. Em uma palestra, no 14º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo (2019), ROSENTAL apresenta um panorama do mercado jornalístico norte-americano perante a um novo cenário social e uma possível “morte” de modelos de negócios baseados na publicidade.

O novo ecossistema midiático traz uma nova lógica comunicacional que não é compatível com a estrutura dos meios herdados da era anterior. Há anos venho falando isso e repetindo a ideia de que passaríamos de uma comunicação midiacêntrica para uma comunicação “eucêntrica”, na qual cada um de nós é um meio de comunicação potencial.

Passamos da era dos meios de massa à era da massa de meios! Outra frase de efeito que venho dizendo há anos.[[5]](#footnote-6)

Nesta perspectiva o autor apresenta uma guinada nos processos comunicacionais de grande relevância para esse estudo, pois defende uma mudança estrutural em curso, no qual há um deslocamento no status do indivíduo no contexto comunicacional. Esse indivíduo deixa de ser apenas um leitor ou fonte e passa a ser parte integrante dos processos midiáticos.

ROSENTAL discute um novo ecossistema no qual os media deixam de estar no centro, dando lugar a um “personagem social” complexo, no qual produção de informação e sociedade estão imbricadas, ou seja, esse “eucêntrico” passa a ter o poder de disputa na divulgação de fatos que considera relevante transformando assim, as relações comunicacionais na contemporaneidade. Esse novo cenário desloca o jornalismo de seu até então tutelado “titulo” enquanto instituição configurada por uma atividade de mediação em relação aos demais campos para uma “concorrência” de práticas de outros campos vários via circuitos e uma diversidade de operadores técnicos.

Essa transformação no qual o jornalismo vai perdendo o seu caráter de mediador, quase único, das discursividades que envolvem práticas sociais, se distinguem da sociedade dos meios, por apresentar característica de uma sociedade mais complexa e permeada pela atividade de outros processos comunicacionais (midiatização), que não acontecem de forma repentina e sim, de forma processual no qual uma vai permeando o modus operandi da outra.

Apresentando a iniciativa Sul21

Em 2020, o Sul21 está completando dez anos. Estamos construindo um jornal com lado: o lado da democracia, das lutas por direitos, da defesa do meio ambiente, da diversidade. Contra todas as formas de preconceito. Conheça mais um pouco dessa história, e venha fazer parte dela, ela está só começando.[[6]](#footnote-7)

O Sul21 foi ao ar em maio de 2010, desde o surgimento os idealizadores já o descreviam como um jornal que cobriria política com uma posição delimitada e clara, porém sua estrutura ainda era bem próxima a dos blogs muito difundidos na época. Em setembro do mesmo ano houve uma reestruturação do site, na busca por deixar a iniciativa mais profissional afastando-se do caráter de blog e novamente o compromisso editorial foi ressaltado.

No dia em que estreamos uma nova plataforma, com mais informações e melhor navegação, cabe-nos reafirmar os compromissos assumidos quando do lançamento do Sul21, em 10 de maio deste ano. Somos um jornal veiculado exclusivamente na internet, comprometido com a democracia e a honestidade. Estes são valores inegociáveis e dos quais não nos afastaremos jamais. Nosso noticiário buscará sempre a verdade factual, dando oportunidade de expressão a todas as correntes, sejam elas ideológicas, partidárias, religiosas ou esportivas.[[7]](#footnote-8)

A defesa do site pela democracia e do jornalismo como um instrumento de manutenção da mesma, é enfática assim como a sua crítica a concentração midiática no Brasil e a neutralidade defendida por muitos veículos; essa questão ética comprometida com a neutralidade irá se transformar ao longo do tempo conforme veremos abaixo no texto que se segue. O Sul21 desde o seu primeiro ano, publica textos inclusive discutindo meios de democratizar a comunicação no Brasil, conforme abaixo:

...nações com altos padrões de bem-estar social e de liberdades civis e de imprensa, como os países escandinavos, a França e a Inglaterra, existem órgãos reguladores da mídia que, longe de serem restritivos à liberdade de expressão, se constituem em instituições importantes para a sua manutenção e aprofundamento.No Brasil, ocorre o inverso. Os grandes veículos de imprensa não assumem claramente seus alinhamentos e nem aceitam que haja um órgão regulador. Muitos deles distorcem fatos, menosprezam o contraditório e levam para o noticiário seus posicionamentos políticos. Tudo isso, sob o manto da propalada isenção da imprensa e do que chamam de “defesa da democracia”.[[8]](#footnote-9)

Esses foram posicionamento que o Sul21 reitera desde o seu lançamento de uma mídia mais transparente com seus posicionamentos, fazendo uma crítica aos conceitos de neutralidade. Na própria construção do site esses princípios foram pensados, para que essa postura estivesse sempre clara.

O Sul21 nasce como um veículo online, usando da tecnologia para compor todos os seus conteúdos. Porém com algumas peculiaridades entre as iniciativas de jornalismo online – ele mantém no centro de Porto Alegre uma sede, destinada aos seus colaboradores para reuniões de pauta e também um convívio entre jornalistas e editores; outro ponto que se destaca da prática da maioria das iniciativas online, é o fato do Sul21 remunerar todos os seus colaboradores mantendo assim características ainda formais de uma redação.

Essa questão de uma sede para os colaboradores é muito importante, pois proporciona um convívio, no qual um pode ajudar o outro; ou ainda uma agilidade na dinâmica de coberturas de acontecimentos que não estavam na programação. Embora a equipe seja pequena, uma estrutura física (sede) que aproxime os jornalistas facilita o processo de reuniões de pauta e finalizações de coberturas, por exemplo.

Essa reestruturação feita no site já no primeiro ano de funcionamento proporcionou uma maior navegabilidade ao usuário e um designe que possibilitava uma abrangência maior dos temas abordados. Assim algumas mudanças foram ocorrendo até que hoje o site se divide em editorias e subeditorias conforme tabela abaixo:

|  |  |
| --- | --- |
| **Editorias** | Subeditorias |
| **Assine** |  |
| **Notícias** | Economia – Geral – Internacional – Política – Tá na Rede |
| **Opinião** | Opinião pública – Entrevistas – Charges |
| **Colunas** | Colunistas |
| **Guia21** | Cinema – Acontece em POA – Música – Teatro e Dança – Livros – Exposições – Gratuitos – Cursos |
| **Colméia** |  |
| **Especiais** | Cortes na educação – Fim da linha – Gentrificação – Junho de 2013 – Mineração, qual o desenvolvimento? – Mulher, na rua – O custo oculto dos agrotóxicos – O custo oculto da energia – O que se faz na Universidade – Saneamento básico |
| **Institucional** | Anuncie – Fale conosco – Quem somos |
| **Blogs** | Civa Silveira – Flavio Damiani – Isso não é comum – Impromptu – Marino Boeira – Milton Ribeiro – Saúde Pública(da) ou não |

Dessas editorias, e também subeditorias, gostaria de me deter em alguns pontos que no meu entender explicitam os princípios éticos do Sul21. Na subeditoria Tá na rede o jornal busca fazer uma discussão de temas que estão sendo compartilhados nas redes sociais e seus desdobramentos, fazendo uma espécie de contextualização para publicações seja do Twitter ou Facebook; de certa forma é uma maneira de manter um diálogo com os internautas, embora no próprio site não haja um espaço para comentário do leitor.

Outro ponto interessante de destacarmos é o espaço destinado a alguns blogs, sugerindo um entendimento de rede por parte do Sul21. O jornal costuma compartilhar matérias de outros veículos, formando assim em seu entorno uma rede de parceiros que facilita a visibilidade de veículos menores.

Esse entendimento de rede no que tange a veículos menores, se mostra importante para o fortalecimento dessas iniciativas. Conforme um balanço divulgado após o primeiro mês do lançamento do site, o Sul21 divulgou dados de que a visitação do site havia crescido 140%, e que ainda almejavam ir mais longe:

O Sul21 nasceu pensando em ser um veículo na Internet voltado para a geração de conteúdo. Somos um jornal assumidamente de esquerda, com posicionamento democrático, crítico e independente. Não nos escondemos no discurso da isenção jornalística. Nossas posições são assumidas e explicitadas em nossos editoriais diários. Buscamos tratar com objetividade e com isenção os fatos jornalísticos, dando espaço para as diferentes visões dos acontecimentos e garantindo a manifestação do contraditório. Pretendemos nos manter sempre abertos ao diálogo com as diferentes concepções da esquerda, do centro e, inclusive da direita, mantendo o respeito à divergência e à liberdade de expressão, na busca do fornecimento de informação de qualidade.Nossos planos futuros incluem conteúdos mais abrangentes, com repórteres nas principais capitais do país e agregação de blogs ao projeto. Também teremos galerias de fotos e de vídeos.[[9]](#footnote-10)

Mais uma vez o Sul21 reafirma seu compromisso com um posicionamento claro, porém agora falando em ‘tratar com objetividade e isenção os fatos jornalísticos’, ainda de um lugar de fala claro. Assim como em seus planos já se incluía a ideia de parcerias com blogs, e equipe de produção de fotos própria – projetos hoje já realizados.

Essa posição do jornal se explicita ainda mais com as eleições presidenciais de 2010, no qual o jornal publica um editorial de apoio claro a então candidata Dilma Rousseff:

O Sul 21 tem posições claras e assumidas. Apoiamos, em editorial, a candidatura Dilma Rousseff à presidência da República. Nossas matérias noticiosas buscam a verdade dos fatos e respeitam o contraditório, sem procurar favorecer qualquer lado ou candidatura e assim se manterá. Nossa independência e nossa postura crítica se manterão inflexíveis, sem adesismos e sem oposicionismos rasteiros, qualquer que seja a(o) candidata(o) eleita(o).

(...)

Por todos estes motivos e para que o Brasil mantenha as políticas e o ritmo de crescimento com integração social e econômica da maioria de sua população, o Sul 21 apóia e recomenda o voto em Dilma Rousseff.[[10]](#footnote-11)

A narrativa discursiva realizada pelo Sul21, de defesa de algumas posições claras gerou certo tipo de ‘contrato’ com os leitores; e a partir de então o leitor cobra, através das redes sociais, do jornal que esse não seja quebrado. No início de 2011, Marcelo Carneiro da Cunha – um dos idealizadores do Sul21 – publicou em sua coluna um texto intitulado: “A inútil bobagem chavista ”, o artigo fazia uma crítica irônica ao regime Venezuelano, porém não foi bem recebido pelos leitores que passaram a atacá-lo nas redes sociais, conforme parte do editorial reproduzido abaixo.

Perante a repercussão o jornal decidiu por manifestar-se através de um editorial – publicado uma semana após a coluna – refletindo a repercussão inclusive entre os profissionais da redação:

O último texto de nosso colunista Marcelo Carneiro da Cunha, ‘A inútil bobagem chavista’, foi multiespinafrado pelos leitores do Sul21. Não tiramos a razão de quem não gostou da abordagem. Mesmo dentro do jornal, houve quem não tivesse gostado, mas achamos importante refletir a respeito da reação.

(...)

Deste modo, toda crítica é considerada e o Sul21 jamais se fecharia a elas. Porém, quando leitores com pseudônimos ou não passam a chamar o colunista de idiota e imbecil, algo não está correto. Assim como qualquer discurso diz mais de quem fala do que de quem ouve, qualquer agressão diz mais de quem agride do que do agredido. E as ofensas pessoais, assim como os elogios, recebem a efêmera imortalidade do Google. Mesmo com a moderação de comentários, aprovamos quase todos eles, pois respeitamos quem usa seu tempo para escrever em nosso site. Porém, às vezes, nós, os sulvinteumenses, ficamos contrariados.[[11]](#footnote-12)

Nesse momento os leitores viram alguns ‘contratos’ tácitos sendo rompidos, mesmo tratando-se de uma coluna de opinião, certas ‘normas de conduta’ eram cobradas deste jornal. E a postura do editorial é de certa forma desviada da discussão do contraditório, focando na violência das agressões direcionadas ao colunista – mas em momento nenhum se propõe a problematizar a questão de fundo que se colocava ali.

Em novembro de 2011 o site volta a receber críticas dos leitores, dessa vez por duas matérias que fazem críticas ao governo do estado e federal; e novamente através do espaço de editorial é feita uma análise das matérias:

As impaciências e as frustrações expressadas nas duas matérias veiculadas pelo Sul21 na quinta feira (24) e aqui analisadas mereceram ser apresentadas aos leitores, da mesma forma que os seus limites. A adoção de uma postura de crítica ou de enfrentamento radical, quando não se tem como vencer ou revolucionar o status quo, quase sempre leva a resultados pífios. A tática de exigir o ideal e de só aceitar o considerado perfeito, sem admitir qualquer flexibilização, impossibilita que se realize e se obtenha aquilo que é possível no momento, deixando aberta a possibilidade de se conseguir mais no futuro.[[12]](#footnote-13)

O editorial dessa vez procura um caráter mais apaziguador, mantendo uma visão crítica aos governos, mas também trazendo o contraditório, ou seja, propondo um olhar de conversa e negociação com os governantes. O Sul21 vai assim crescendo e construindo relações com o seu leitor, a partir de um mercado discursivo em convergência com suas posições. A iniciativa é uma das poucas conseguiu adquirir sustentabilidade propondo, desde o início um jornalismo engajado com lado. Esse hoje dispõe de uma sede e uma equipe remunerada trabalhando, mesmo faltando ainda alguns recursos.

Assim ao analisarmos o Sul21 é perceptível no veículo também a ética mediacional, que busca a representatividade perante a um nicho da sociedade, que não mais se vê representada pela narrativa da grande mídia. Com isso o Sul21 busca agir em um território de vácuo, caracterizado pela queda da confiança nos grandes veículos; assim ele se posiciona e diz para esse público “temos lado”, “damos espaço para vozes que nunca foram ouvidas” reconstruindo assim certo tipo de mediação com essa parcela da sociedade descrente com a grande mídia.

Assim como a questão da ética no Sul21 é clara, os colaboradores apresentam uma fala alinhada – inclusive com o site – na questão do jornalismo colocado, com posição, disposto a mediar um mercado discursivo especifico. Nesse caso salienta-se a ética da responsabilidade ao contrato firmado com o leitor, e esses se sentem responsáveis por corresponder ao que deles é esperado.

A midiatização produz novas formas de ser no mundo e isso reflete no ser jornalista e nas suas posições éticas, se na sociedade dos meios compreendíamos o jornalismo como o grande mediador da sociedade divulgador de “verdades” e sua prática ética era atrelada a objetividade técnica da notícia; a aproximação com a experiência Sul21 nos mostra, que hoje, a concepção de ética é outra, vinculada a um caráter “real” do jornalismo e seus limites. Ou seja, mesmo tratando a relação com o leitor de formas distintas, compreende que a prática ética do jornalismo está vinculada a transparência de suas posições perante a sociedade e não de sua neutralidade.

# Referências

BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

GOMES, Pedro Gilberto. Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. Matrizes, n. 2, 2008, p. 89-105.

FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009.

FAUSTO NETO, Antonio. Lula e a crise de 2008: fragmentos do discurso político analisador. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 18, p. 373-407, maio/ago. 2011.

FAXINA, Elson e GOMES Pedro G. Midiatização: Um novo modo de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. Editora Unisinos, 2003.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 28: Jornalismo de Dados, Ética da Informação, Fake News e Crise dos Pontos de Vista Centrais, do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-2)
2. Mestre em Comunicação pela Unisinos. Especialista em Pedagogia da Arte, participa do Grupo de Pesquisa em Midiatização e Processos Sociais (Unisinos). E-mail: fealalam@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
3. A expressão “nativos digitais” surgiu em 2001, criada por Marc Prensky, especialista estadunidense em educação. Em um artigo, ele usou o termo para se referir a todos cujo desenvolvimento biológico e social se deu em contato direto com a tecnologia. [↑](#footnote-ref-4)
4. Entrevista concedida ao IHU, juntamente com Pedro Gilberto Gomes, em 28/11/2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6721-o-supercerebro-da-sociedade-em-midiatizacao> [↑](#footnote-ref-5)
5. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/crise-na-imprensa/licoes-da-crise-americana-jornais-minguam-ou-desaparecem-mas-novos-modelos-tentam-salvar-o-jornalismo/> [↑](#footnote-ref-6)
6. <https://www.youtube.com/watch?time_continue=9&v=XvFtnDJboX0> [↑](#footnote-ref-7)
7. <https://www.sul21.com.br/noticias/editorial/2010/09/valores-inegociaveis/> [↑](#footnote-ref-8)
8. <https://www.sul21.com.br/noticias/editorial/2010/09/em-defesa-de-uma-imprensa-democratica/> [↑](#footnote-ref-9)
9. <https://www.sul21.com.br/noticias/editorial/2010/10/o-crescimento-do-sul21/> [↑](#footnote-ref-10)
10. <https://www.sul21.com.br/noticias/editorial/2010/10/para-o-brasil-continuar-mudando-2/> [↑](#footnote-ref-11)
11. https://www.sul21.com.br/noticias/editorial/2011/01/mais-complexidade-por-favor/ [↑](#footnote-ref-12)
12. https://www.sul21.com.br/noticias/editorial/2011/11/criticismo-e-radicalismo-exagerados/ [↑](#footnote-ref-13)